



Nº V • Novembro de 2017

Boletim Laço Vermelho

Os professores na luta contra a Aids



Editorial



Maria Izabel Azevedo Noronha, Bebel
Presidenta da APEOESP

A quinta edição do Boletim Laço Vermelho chega aos professores e estudantes da rede estadual paulista com o tema da Campanha Mundial contra a Aids em 2017, focada no direito à saúde.

Estabelecido em pactos internacionais, o direito à saúde depende de saneamento básico, moradia adequada, alimentação e condições de trabalho saudáveis; ou seja, uma qualidade de vida ainda inacessível para grande parcela da população.

Para os portadores do HIV, as condições são ainda piores já que precisam enfrentar a discriminação, muitas vezes até nos serviços essenciais, como Saúde e Educação. Por isso, o Boletim Laço Vermelho também aborda a luta para que o Sistema Único de Saúde seja, de fato, uma garantia para a sustentação da saúde de todos os brasileiros.

É importante alertar ainda sobre a ameaça que os episódios recentes de retrocesso político e social no Brasil e no mundo representam para o debate sobre a Aids, que é indissociável de questões relativas à sexualidade, alvo frequente dos conservadores e moralistas.

Em tempos de redes sociais e violentos embates públicos sobre questões morais, os professores precisam estar preparados para garantir informação qualificada para os jovens, que estão mais expostos. O número de DSTs e infectados pelo HIV explodiu entre pessoas de 15 a 19 anos

Como uma entidade diversa e inclusiva, a APEOESP convida professores e professoras para estabelecer um diálogo crítico e criativo com seus alunos, sobre saúde e sexualidade responsável, que podem evitar a gravidez na adolescência e a transmissão de DSTs e Aids. Boa leitura!

Minha saúde, meu direito!

“Temos uma oportunidade sem precedentes para um enfoque político sobre as desigualdades que impulsionam a epidemia de tuberculose e HIV” - Michel Sidibé, Diretor Executivo do UNAIDS,

Unaidis/Divulgação



A campanha global do Unaidis, Programa das Nações Unidas sobre HIV/Aids, para a mobilização da sociedade em torno do Dia Mundial contra a Aids, celebrado em 1º de dezembro, explora os desafios que a população enfrenta no mundo todo para exercer o direito à saúde.

O tema é extremamente importante para os brasileiros, afetados por medidas como a Emenda Constitucional 95/2016, que congelou os investimentos nas áreas de Educação e Saúde por 20 anos.

A CUT, a APEOESP e demais entidades do movimento sindical estão realizando diversas ações para revoar a emenda, que transforma o limite mínimo (piso) das despesas de serviços públicos essenciais, como Educação e Saúde, em limite máximo (teto) para o período de 2018 a 2036.

Alckmin e Temer na contramão

No Estado de São Paulo, além da emenda 95, ainda paira outra ameaça: o Projeto de Lei 920/2017, enviado pelo governador Geraldo Alckmin à Assembleia, pode congelar por dois

anos os gastos primários do Estado, o que inclui o financiamento dos serviços públicos.

Depois de uma intensa campanha de mobilização dos professores contra o projeto, apelidado de PL da Morte, houve um recuo e a promessa de

apresentação de um novo texto, que assegure a possibilidade de reajustes salariais para os servidores.

Tanto a emenda federal de Temer quanto o projeto de Alckmin vão na contramão das metas do Unaidis. Afinal, a campanha do Fundo da ONU, lançada no dia 06 de novembro, reafirma que, se o direito à saúde estiver comprometido, a população não consegue sequer prevenir doenças, incluindo o HIV, ou ter acesso ao tratamento e aos cuidados.

O direito à saúde está consagrado no Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais de 1966.

SUS e Projeto Educativo são o foco de campanha da CNTE

“Aids: perigo à vista - Além da camisinha, chegou a hora de lutar pelo direito à saúde” é o tema do material de divulgação e da cartilha para a sensibilização de educadores e estudantes que a CNTE lançou para o Dia Mundial de Combate à Aids.

A publicação, também produzida em formato de CD, traz informações sobre o Sistema Único de Saúde, a transmissão, prevenção, testagem e tratamento do HIV/Aids, bem como dados sobre a epidemia no País, doenças sexualmente transmissíveis e informações sobre direitos sexuais e o papel da escola.

O material foi apresentado durante Encontro com representantes de 21 sindicatos afiliados à CNTE, entre eles, a APEOESP. O evento, que aconteceu em Brasília, nos dias 16 e 17 de outu-

bro, discutiu os novos rumos do Projeto DST/Aids, promovido há 11 anos pela Confederação.

Este ano, os educadores definiram estratégias para a ampliação do foco de trabalho para a defesa da saúde pública. “O projeto é fundamental diante do cenário político atual, conservador na abordagem das questões de gênero, saúde e prevenção, na escola e no currículo, e com o retrocesso das políticas públicas”, explica Fátima Silva, secretária-geral da CNTE..

A iniciativa da entidade fortalece, segundo Fátima, o incentivo ao protagonismo dos sindicatos na discussão das políticas, na formação dos professores sobre a temática e na participação ativa na mobilização do 1º de dezembro.

Índice

⇒ Cúpula de Hepatites pg. 2

⇒ A volta das DSTs pg. 2

⇒ Jovens com HIV pg. 3

⇒ Personalidades na luta pg.3

⇒ Novidades: teste, remédio e app pg. 4

⇒ Morte e vida positiva pg. 4

⇒ Histórias da Sexualidade pg. 4



A explosão da sífilis

Os casos de sífilis no Brasil cresceram mais de 2.000% em seis anos. Levantamento do Ministério da Saúde, divulgado no último mês de outubro, mostra que a incidência da doença subiu de 3.822 casos, em 2010, para 87.593, em 2016.

Há algumas explicações para a explosão dos casos, além do 'esquecimento' do preservativo: desde junho de 2014, há uma escassez global de um insumo farmacêutico ativo na penicilina, utilizada no tratamento da doença.

Mas, para o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis do Ministério da Saúde, há ainda o fato de que a população se preocupa muito pouco com a doença, que é uma DST de consequências graves.

Projeções do Ministério da Saúde apontam para a identificação de 94.460 novos casos em 2017; sendo que apro-

ximadamente 17.800 deles seriam em gestantes, alvo de grande preocupação devido à possibilidade de sífilis congênita, que é a transmissão da doença da mãe para o bebê.

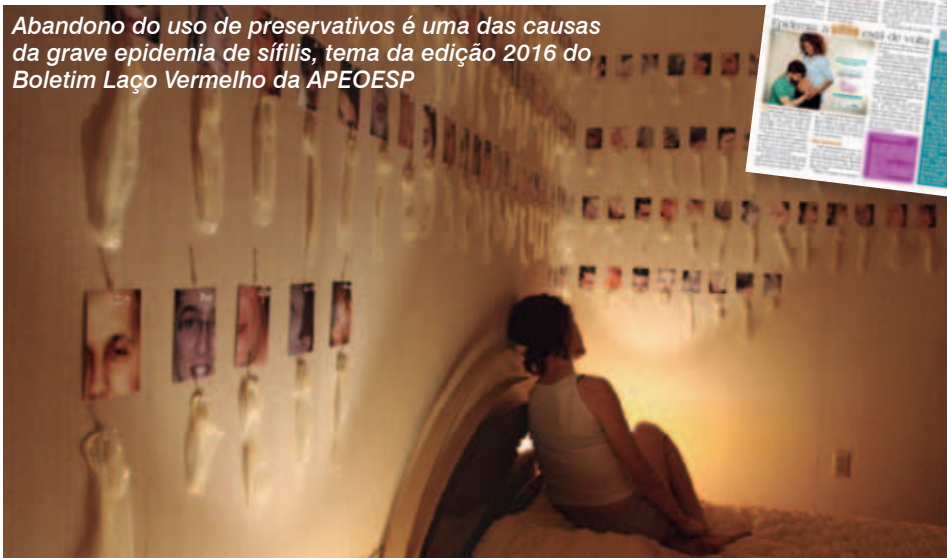
A volta das DSTs

Em seu estágio inicial, a sífilis provoca pequenas feridas nos genitais mas, sem tratamento, a doença pode lesionar ossos, rosto e cérebro. A sífilis é apenas parte da crescente epidemia de infecções sexualmente transmissíveis.

Há também a clamídia, a gonorréia e outras DSTs, que podem ser transmitidas não somente por via sexual, mas também em transfusões de sangue e no compartilhamento de materiais de higiene.

Os especialistas alertam ainda para o risco de desenvolver tuberculose, que é aproximadamente 21 vezes maior entre as pessoas que vivem com o HIV. Em 2016, houve mais de

Abandono do uso de preservativos é uma das causas da grave epidemia de sífilis, tema da edição 2016 do Boletim Laço Vermelho da APEOESP



Julia DiProjeto Condom Room

um milhão de casos de tuberculose entre os soropositivos.

Apesar de estar matando menos, a tuberculose ainda é a principal causa de óbito por doença infecciosa, acima até da Aids. A OMS alertou para o problema, durante a Conferência Mundial sobre o Desempenho da Tuberculose, realizada entre os dias 14 e 17 de novembro em Moscou.

O fenômeno do fortalecimento da tuberculose pelo HIV tem uma especial incidência na África, onde se concentram 74% das pessoas com HIV infectadas por tuberculose em 2016. A maioria das mortes poderiam ser evitadas com diagnóstico precoce e tratamento apropriado para tuberculose e HIV.

Omissão

Há um consenso sobre o fato de que, com o avanço no tratamento da Aids, o uso de preservativos deixou de ser uma preocupação. Um estudo realizado pela Escola Paulista de Medicina da Unifesp em dez capitais brasileiras revelou que apenas 31% dos homens jovens, com idade entre 15 e 25 anos, se previnem na relação sexual, omitindo-se completamente da responsabilidade de evitar gravidez ou DSTs.

O resultado do esquecimento da camisinha é a explosão de casos de doenças transmitidas por vias sexuais. Levantamento do Ministério da Saúde aponta que anualmente são detectados 40 mil novos casos de DSTs. Nos hospitais, são frequentes os relatos de pacientes que desconhecem as graves consequências de hepatites, sífilis e outras DSTs.

O preservativo é a opção mais segura de proteção, mas agora as campanhas já divulgam a necessidade de passar por testes sanguíneos, à venda nas farmácias. É que, no caso do HIV, por exemplo, nem 30% dos brasileiros infectados estão em tratamento. Muitos não sabem que têm o vírus e outros sabem, mas não utilizam nenhuma medicação.

Hepatites: silenciosas e perigosas

Sao Paulo sediou, entre os dias 1º e 3 de novembro, a segunda edição da Cúpula Mundial de Hepatites, um Encontro da Organização Mundial da Saúde e da Aliança Mundial contra as Hepatites, que reuniu governos, especialistas em saúde pública e representantes da sociedade civil.

De acordo com a Center for Disease Analysis (CDA), existem atualmente 325 milhões de pessoas que vivem com hepatites virais no mundo.

Silenciosa, a doença pode ser fatal. Outros números apresentados durante a Cúpula impressionam: 1,4 milhão de pessoas morrem de hepatites todo ano no mundo. Juntas, as hepatites B e C são a causa de mais de 80% dos casos de câncer de fígado, globalmente. No Brasil, são mais de 500 mil casos.

Por isso, apesar de ser considerado um modelo na prevenção e tratamento das hepatites virais e ter sido escolhido para sediar a Cúpula, o Brasil também está em alerta com a doença. A cidade de São Paulo, por exemplo, registrou recentemente um surto de 625 casos de hepatite A; 47% deles foram transmitidos sexualmente.

A Organização Mundial da Saúde estima que apenas 7%, das 71 milhões de pessoas possivelmente infectadas com o vírus da Hepatite C ao redor do planeta; estejam em tratamento. Destas, 2,3 milhões estão coinfectadas pelo HIV.

SUS

Os participantes do evento, realizado no World Trade Center de São Paulo, discutiram a evolução da Estratégia

Global do Setor de Saúde contra as Hepatites Virais (GHSS), cujo objetivo é eliminar a doença até 2030.

Eles destacaram o papel essencial das políticas públicas e, no caso do Brasil, do Sistema Único de Saúde, na orientação e prevenção da doença, seja na ampliação dos diagnósticos, através da oferta de testes rápidos, ou no fornecimento de vacinas e remédios.

Boa notícia

Desde 2015, o Brasil incorporou quatro novos medicamentos para o tratamento da hepatite C, que têm efeitos colaterais e tempo de ação reduzidos. Segundo o Ministério da Saúde, com essa mudança, o País já tratou cerca de 50 mil pessoas, neste dois anos, e elevou a taxa de cura da doença de 60% para mais de 90%.

Mas, os especialistas ainda alertam para a necessidade de estratégias diferentes para a hepatite B (que não tem cura, mas tem vacina) e a hepatite C (que tem cura, mas não tem vacina).

Surto do tipo A

Entre janeiro e outubro de 2017, foram registrados 600 casos de infecções com o vírus da hepatite A, na cidade de São Paulo. Segundo a Secretaria Municipal de Saúde, 87% dos infectados são homens.

A transmissão acontece por via fecal-oral, ou seja, a ingestão de alimentos ou líquidos contaminados por resíduos fecais ou contato pessoal.

O vírus provoca inflamação no fígado mas, na maioria dos casos, a recuperação é natural, com dieta menos gordurosa e sem a ingestão de álcool. Em casos mais raros, podem acontecer complicações como insuficiência hepática, que exigem internação.

Os sintomas iniciais, diarreia, náuseas, vômitos e dores no corpo, podem facilmente ser confundidos com outras doenças, como gastroenterites.

A doença exige cuidados preventivos, que incluem higiene, vacinação e diagnóstico rápido, através de testes sorológicos.

ALERTA: Os vírus das hepatites B e C podem ser transmitidos através de relações sexuais sem o uso de preservativo e transfusões de sangue. Ambos podem ser passados de mãe para filho ou no uso de objetos contaminados (seringas, alicates de unha, lâminas de barbear, aparelhos de tatuagem ou para colocação de piercing e outros).

SERVIÇO:

- Faça o teste de HIV Aids e também o da sífilis na rede pública de saúde. Os testes são gratuitos, sigilosos e não exigem sequer jejum. Saiba onde fazê-los no site www.crt.saude.sp.gov.br.
- Disque DST Aids: 0 800 16 25 50



Jovens **vivendo** com HIV

Flow Cinema/UnAids Brasil



Ativistas da luta contra a Aids, jovens youtubers estiveram no lançamento da Campanha "E se fosse com você?", em São Paulo

A ampliação das ações voltadas para a educação sexual e prevenção dos jovens e adolescentes em suas escolas e comunidades foi tema dos debates comemorativos dos 20 anos do Fórum de ONGs/Aids do Estado de São Paulo, que aconteceram na Assembleia Legislativa no final do último mês de outubro.

Dados do Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde mostram que o número de infectados pelo HIV explodiu entre 2006 e 2015 na faixa etária de 15 a 19 anos. A incidência aumentou 187,5%, com a taxa passando de 2,4 para cada 100 mil habitantes.

Membros do Grupo de Trabalho Adolescência e Juventude do Fórum ONG/Aids do Estado de São Paulo discutiram a estratégia "Juntos na Prevenção". Aline Ferreira, da Rede de Jovens Vivendo com HIV/Aids, que faz parte do grupo, defendeu a luta pelo SUS e falou sobre a angústia que marca sua geração.

"Eu vejo com muita tristeza a realidade do jovem. Falamos de preservativo, mas pensamos pouco no medo que nos paralisa", disse a ativista, em sintonia com os protestos contra os retrocessos que colocam a Aids na mesma "encruzilhada moral" enfrentada pelos pacientes na década de 80, quando o preconceito impedia até que a doença fosse mencionada como causa da morte de celebridades.

Sem dar mole

Aproximar-se de ONGs, sindicatos e outros coletivos que utilizam as redes sociais tem sido a estratégia de muitos jovens soropositivos para enfrentar a discriminação e lutar por políticas públicas que garantam o melhor atendimento possível.

A Agência de Notícias da Aids reuniu estes jovens ativistas digitais no Seminário "Papo direto, sem dar mole para o HIV", que aconteceu no dia 27 de outubro no Sesc Pompeia.

Eles estão em projetos como o Boa Sorte e os Canais Doutor Maravilha, Super Indetectável, Prosa Positiva e o Coletivo Amem, dedicados a falar abertamente de sexo, prevenção, estigma e a realidade da Aids no Brasil.

"Informação existe, mas o conteúdo não toca os jovens. É preciso atitude contra a Aids", defende o ator e youtuber Rafael Bolacha, do Canal Chá dos Cinco, que considera as campanhas do governos falhas e desatualizadas.

Atitude contra a Aids foi o que teve o ator Gabriel Comicholi, do HDiário. Em 2016, Gabriel obteve mais de 200 mil visualizações imediatas no vídeo, no qual revelava sua condição de soropositivo. No seu Canal no Youtube, o jovem paranaense conta como é ter o HIV aos 20 anos de idade.

Veja outros depoimentos dos ativistas digitais da luta anti-HIV, que participaram do Seminário realizado pela Agência de Notícias da Aids:

- “Não dá para ocultar a informação de que Aids mata, mas podemos deixar claro que ela mata quando a gente não consegue que as pessoas tenham acesso ao tratamento de qualidade.” - Gabriel Estrela, do Projeto Boa Sorte.
- “É importante ter um olhar diferenciado para todos os atingidos pela Aids. Nós, mulheres negras, somos as que mais morremos em decorrência desta doença.” - Micaela Cyrino, do Coletivo Amem.
- “Não é legal dramatizar ou banalizar as informações sobre HIV/Aids. A mensagem não pode ser superficial.” - João Geraldo Neto, do Canal Super Indetectável.
- “Estamos falando de uma epidemia que atinge públicos específicos de diferentes formas.” - Ramón Soares, do Coletivo Loka de Efavirenz.
- “As pessoas não conhecem o próprio corpo. O que vemos é um grande buraco na educação sexual.” - Marcos Borges, idealizador do Canal Doutor Maravilha, dedicado à saúde sexual da população LGBT.

Flow Cinema/UNAIDS Brasil



Diretora do UnAids no Brasil, Georgiana Braga, faz apresentação da Embaixadora de Boa Vontade do Programa das Nações Unidas, Glória Maria

Harvard Business Review



Músico britânico toca em concerto beneficente da Elton John Aids Foundation

Meta é acabar com a Aids

E não é só no Brasil que os jovens estão voltando a se preocupar com a Aids. Em encontro realizado na Rússia, no último mês de outubro, o UnAids buscou envolver os jovens na meta de obter a cura da doença até 2030.

Focados nas discussões sobre desafios globais, palestrantes do 19º Festival Mundial de Jovens e Estudantes falaram sobre a importância da qualidade na educação sobre sexualidade, que é bastante falha em garantir que jovens saibam como se proteger do HIV.

Para os especialistas, embora tenha havido progresso na resposta ao HIV, ainda existem desafios que colocam jovens em risco, incluindo discriminação, exclusão, violência e falta de acesso a serviços.

Os participantes do Festival também apresentaram novos produtos e plataformas de prevenção, entre eles vídeos com lições desenvolvidas para crianças em idade escolar no Leste Europeu e na Ásia Central.

Elton John e Glória Maria **na luta**

O músico britânico Elton John foi homenageado no último mês de novembro, na Universidade de Harvard, com o Prêmio Humanitário Peter J. Gomes, por sua contribuição à luta contra o HIV/Aids.

A Fundação Elton John Aids, criada pelo músico há 25 anos, já arrecadou mais de 385 milhões de dólares para combater a doença.

No Brasil, a jornalista Glória Maria é, desde o último mês de maio, embaixadora da Boa Vontade do UnAids, o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids. A cerimônia de nomeação aconteceu em São Paulo, durante o lançamento da Campanha #EseFosseComVocê?, realizado pelo UNAIDS em parceria com a Embaixada do Reino Unido no Brasil.

A Campanha propõe o debate sobre as diferentes formas de discriminação que ainda existem no século XXI, em re-

lação a cor, raça, etnia, orientação sexual, gênero, religião, deficiência e sorologia positiva para o HIV. O UnAids já adota medidas, como o Stigma Index, que avalia exatamente como o preconceito colabora com o avanço da epidemia.

Os Embaixadores da Boa Vontade são personalidades do mundo das artes, esportes e jornalismo que vinculam suas imagens à promoção de estratégias de prevenção, testagem e tratamento do HIV. Também participam de campanhas pela eliminação de toda e qualquer forma de discriminação, um dos principais obstáculos para o pleno acesso a serviços de saúde.

No time de celebridades comprometidas com as ações internacionais contra o HIV e a discriminação estão também os brasileiros Mateus Solano e Wanessa Camargo, a princesa Stéphanie de Mônaco e a ex-Spice Girl, Victoria Beckham, entre outros.



Teste nas farmácias

Ele se chama Action, é fabricado pelo Laboratório Orange Life e custa entre 60 e 70 reais. É o primeiro teste rápido de sangue, aprovado pela Anvisa, para detectar a presença de anticorpos contra o HIV no organismo.

À venda nas farmácias desde junho de 2017, o teste só consegue detectar a presença do vírus no organismo, 30 dias depois da relação de risco. O resultado aparece em forma de linhas e leva de 15 a 20 minutos para ficar pronto.

Segundo o fabricante, o produto demonstrou sensibilidade de 99,9%, mas a Anvisa orienta que, em caso negativo, a pessoa deve refazer o teste mais duas vezes, a cada 30 dias, até completar 120 dias após a relação de risco ou possível exposição ao vírus. Em caso positivo, é importante procurar atendimento médico imediato.

Os especialistas comemoram a chegada do teste rápido às farmácias como um avanço para aumentar o número de pacientes em tratamento. Segundo o Ministério da Saúde,

715 mil pessoas sabem que vivem com HIV no Brasil, mas 372 mil delas não se tratam. Estima-se que ainda que há, aproximadamente, 112 mil pessoas que não sabem que estão infectadas.

Boas notícias

Pílula no SUS

Considerado um passo fundamental para frear o avanço da Aids, a profilaxia pré-exposição - PrEP - destinada a pessoas que não possuem o HIV, chega ao SUS.

Trata-se de uma inovadora forma de prevenção, através do uso diário do antirretroviral Truvada que, neste primeiro momento, será disponibilizado para um grupo de 7 mil pessoas que fazem parte de grupos mais vulneráveis à contaminação, como casais sorodiferentes (em que apenas uma pessoa do casal possui o vírus), homossexuais, profissionais do sexo e transexuais.

O número de pacientes atendidos ainda é considerado muito pequeno, mas a inclusão desta forma de prevenção no Sistema Único de Saúde é considerada decisiva para atender principalmente jovens, mulheres trans e outras pessoas mais expostas à contaminação.

Aplicativo gratuito

Um novo aplicativo de celular promete aumentar a adesão ao tratamento para pessoas que vivem com o HIV. O Life4me+ está disponível gratuitamente em 156 países, entre eles o Brasil, mas em apenas seis idiomas: inglês, armênio, estoniano, alemão, russo e ucraniano.

Neste 1º de dezembro, o aplicativo, que pode ser baixado pelo Google Play e App Store, ganha uma nova versão que inclui funções voltadas para a prevenção de infecções por HIV, hepatite C e outras, sexualmente transmissíveis, como sífilis e gonorreia, com lembretes automáticos para fazer o teste dessas doenças.

Através do Life4me+, o paciente pode ficar em contato com médicos online, acompanhar seu calendário de testes sanguíneos, acessar prescrições de remédios e ainda receber alertas na hora da medicação e no dia de consultas.

Criado por um ativista que vive com o HIV e sua equipe, o aplicativo incorpora a experiência e as necessidades dos soropositivos, que podem utilizá-lo também para registrar o próprio peso e monitorar volume torácico, pressão sanguínea e resistência do vírus a drogas.

EXPEDIENTE

Dirigentes responsáveis

Maria Izabel Azevedo Noronha
Presidenta da APEOESP

Fábio Santos de Moraes
Vice-Presidente

Roberto Guido
Secretário de Comunicações

Stenio Matheus de Moraes Lima
Secretário de Comunicações Adjunto

Rita de Cássia Cardoso
Secretária de Políticas Sociais

Richard Araújo
Secretário Adjunto de Políticas Sociais

Conselho Editorial

Maria Izabel Azevedo Noronha
Fábio Santos de Moraes

Roberto Guido

Stenio Matheus de Moraes Lima
Leandro Alves Oliveira

Silvio de Souza

Rita de Cássia Cardoso

Richard Araújo

Fláudio Azevedo Limas

Miguel Noel Meirelles

Francisco de Assis Ferreira

Paula Cristina Oliveira Penha

Texto e edição:

Ana Maria Lopes - MTb 23.362

Produção:

Secretaria de Comunicações da APEOESP

Tiragem: 15 mil exemplares



Morte e Vida Positiva

Convivendo com o HIV há 28 anos, Beto Volpe tornou-se um símbolo de resistência, a ponto de conseguir, em meio às graves consequências da ação do vírus, apoiar outros pacientes soropositivos. Ele criou, em Santos, a ONG Hipupiara Integração e Vida - Grupo HIV, que oferece assistência jurídica gratuita, distribui cestas básicas e promove outras ações para apoiar

pessoas que têm o vírus. Sua história está no livro lançado em 2016 pela Editora Realejo, "Morte e Vida Positiva".

Ele contraiu o vírus no auge da epidemia, na década de 80, e hoje, aos 56 anos, já enfrentou dois cânceres e três acidentes vasculares cerebrais, aproximadamente 30 cirurgias, entre outros problemas que lhe deixaram muitas sequelas e também o apelido de Highlander, o guerreiro imortal.

Afinal, Luiz Alberto Simão Volpe é

um sobrevivente que vivenciou a revolução de abordagem e tratamento da doença, que era uma sentença de morte, mas hoje já é vista sob outra perspectiva. O ativista dá palestras motivacionais e sua história já inspirou centenas de pacientes na luta contra a doença.

O texto que deu origem à autobiografia lançada pela Editora Realejo veio a público, pela primeira vez, em 2002, quando foi selecionado em concurso literário voltado a textos de superação da Aids que foram publicados no livro 'Histórias de Coragem'.

Histórias da sexualidade

Mais de 300 obras de artistas como Degas, Picasso e Gauguin, além de peças da arte pré-colombiana à arte moderna estão na exposição "Histórias da Sexualidade", em cartaz até fevereiro de 2018 no Masp.

As obras estão reunidas em núcleos temáticos e revelam que a sexualidade sempre ocupou lugar central no imaginário coletivo e na produção artística. Os temas indicam a representatividade do acervo: corpos nus, totemismos, religiosidades, perfor-

matividades de gênero, jogos sexuais, mercados sexuais, linguagens e voyeurismos, na galeria do primeiro andar, e políticas do corpo e ativismos, na galeria do primeiro subsolo.

Concebida em 2015, a exposição foi antecedida por seminários internacionais e se insere na programação anual do Museu, que dedicou o ano de 2017 às histórias artísticas da sexualidade.

O Masp tem entrada franca às terças e meia-entrada para professores nos demais dias da semana

